



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 228

**TERRITÓRIOS URBANOS: O MOVIMENTO HIP HP E A
DINÂMICA DA CIDADE DE BELÉM, PARÁ**

Elton Carlos Garcez da Silva

Belém, Abril de 2009

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

Vice-reitor

Horacio Schneider

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Emmanuel Zagury Tourinho

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Armin Mathis

Diretor Adjunto

Fábio Carlos da Silva

Coordenador de Comunicação e Difusão Científica

Silvio Lima Figueiredo

Conselho editorial do NAEA

Armin Mathis

Edna Maria Ramos de Castro

Fábio Carlos da Silva

Juarez Carlos Brito Pezzuti

Luis Eduardo Aragon

Marília Ferreira Emmi

Nirvia Ravena

Oriana Trindade de Almeida

Setor de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 228

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

TERRITÓRIOS URBANOS: O MOVIMENTO *HIP HOP* E A DINÂMICA DA CIDADE DE BELÉM, PARÁ

Elton Carlos Garcez da Silva¹

Resumo:

Analisar a construção de territórios na metrópole não é tarefa fácil, envolve a relação de uma série de agentes sociais que em seus cotidianos apropriam-se de parcelas do espaço metropolitano, gerando com isto diversos conflitos, contratos e coexistências. Os jovens do movimento *hip hop* formam um grupo que reivindica seu lugar na dinâmica da cidade e para isso lança mão de algumas estratégias de atuação visando manter seu poder na correlação de forças com outros agentes sociais. Em Belém, assim em outras cidades do mundo, o movimento *hip hop* faz da periferia urbana seu *locus* de reprodução e matéria-prima para sua produção artística e atuação política. Dentre as referências do *hip hop* em Belém, destaca-se a posse Núcleo de Resistência Periférica que atua, principalmente, no bairro da Terra Firme, este trabalho visa analisar as formas de atuação da NRP na formação de seu território no contexto do bairro e da cidade, bem como as ações da posse que levam ao protagonismo social e ao desenvolvimento cultural de jovens da periferia da cidade.

Palavras-chave: Movimento *hip hop*. Cidade. Terra Firme. Belém do Pará.

Abstract:

To analyze the construction of territories in the metropolis is not easy, involves the relationship of social agents that everyday appropriate parcels of the metropolitan area, generating several conflicts, contracts and coexistences. The youth from the hip hop movement form a group which claims his place in the dynamics of the city and this makes use of some strategies of action aimed at keeping it in the correlation of forces with other social agents. In Belém, as another cities in the world, the hip hop movement makes the urban periphery its *locus* of reproduction and raw materials for their artistic production and performance policy. Among the references to hip hop in Belém, there is the Nucleons pf Peripheral Resistance (Núcleo de Resistência Periférica – NRP) which operates, mainly in neighborhood of Terra Firme. This work aims to examine ways of action of the NRP in the construction of its territory in the context of the neighborhood and city, as well as the actions of holding taking in a social role and cultural development of young outskirts of the city.

Keywords: Hip hop movement. City. Terra-Firme. Belém do Pará.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Pará - UFPA, especialista em Desenvolvimento de áreas amazônicas (FIPAM XXII – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFPA), Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário do INCRA-SR(01)/PA. E-mail: ecgarcez@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Lefebvre (1991), ao retratar a cidade, descreve-a como espaço onde prevalece a diversidade e o encontro. Neste sentido, a urbe se apresenta como a possibilidade do contato e do conflito de diversos tempos, agentes sociais, códigos e normas, que atuando num mesmo recorte espacial contribuem para a constante construção, destruição e reconstrução da cidade. Há, de fato, “várias cidades” sendo cotidianamente erguidas dentro do espaço urbano. Há aquelas mais visíveis aos olhos dos cidadãos, marcadas pela monumentalidade e o espetáculo; são as “cidades plásticas” (SANTOS 1994) por serem flexíveis e adaptarem-se ao fluxo de somas grandes de matéria e energia.

Concomitantemente a esta cidade do capital, existem cidades menos visíveis, marcadas pelo aspecto subterrâneo de suas redes, caracterizadas por relações cujo eixo não perpassa pelo véis puramente econômico, mas por redes e laços de caráter mais solidário e aproximativo, pois, somente desta maneira consegue resistir à lógica pretensamente homogeneizante do capitalismo. Dois projetos de cidade aparentemente díspares, mas que fazem parte da mesma dinâmica que culmina com a produção da cidade contemporânea, com seus paradoxos e complexidades. Portanto, os projetos se complementam, se influenciam, se modificam e reproduzem a vida cidadina.

Dentre os grupos que escolheram a cidade como *locus* de reprodução social, este trabalho destaca o movimento *hip hop* que faz parte das paisagens das cidades do mundo, sejam elas, conforme Souza (2003), Batista (2006). Diógenes (1998) grande metrópoles como New York e São Paulo, ou cidades menores como as metrópoles regionais como Belém e Fortaleza. Formado na periferia das cidades o *hip hop* se espraia pela urbe apropriando-se dos espaços públicos, como praças, viadutos e vias transformando-os em territórios onde se vislumbra a maneira peculiar do movimento fazer arte e política de modo inseparável (SOUZA, RODRIGUES, 2004). Com isso, trazem da periferia seus códigos e suas experiências de vida para ser visto e percebido como grupo que reivindica sua cidade, ou pelo menos, busca participar mais ativamente da cidade possível.

Composto por jovens cujas histórias de vida são similares, ou seja, são oriundos de famílias humildes, com pouca escolaridade e, por tal motivo, o trabalho se fez presente cedo em suas vidas. Muitos deles conviveram ou convivem de perto com a criminalidade e o tráfico de drogas que encontram na periferia urbana o local propício para se instalar, utilizando-se, principalmente, da instabilidade econômica, ou seja, falta de condições materiais para a sobrevivência, a que estes meninos e meninas são submetidos devido à segregação sócio-espacial que caracteriza a cidade contemporânea.

Além das carências de todos os matizes, os jovens que fazem o movimento *hip hop* ainda têm que conviver com a discriminação racial e o preconceito social que estigmatiza o morador da periferia como sendo um marginal. Todos estes problemas que revelam a fragmentação da urbe acabam, todavia, passando por um processo de resignificação através de expressões artístico-culturais que envolvem a música, a dança e as artes plásticas. Por tal motivo o bairro, a rua e as redes de relações organizadas pelos membros do movimento *hip hop* são importantes, por que são a matéria-prima para

a produção artística e atuação política do movimento. Além disso, o bairro ainda fortalece as tramas de relações.

As relações de vizinhança na cidade contemporânea são ainda muito condicionadas pelas diferenças entre classes sociais. Nos bairros populares, a limitação de oportunidades, a pobreza e o isolamento relativos, a insegurança e o medo acabam por fortalecê-las e torná-las parte fundamental da trama de relações familiares (SERPA, 2007, p. 34).

Acrescenta-se ao pensamento de Serpa (2007), a necessidade de ajuda mútua nos bairros populares, como forma alternativa de garantir as condições básicas de sobrevivência. Desta maneira, a vizinhança exerce um papel importante na vida da comunidade.

A vida da baixada, como são conhecidas as periferias de Belém, transformada em discurso agregador de jovens habitantes das cidades, assim o movimento *hip hop* busca constituir o seu território, tornando visível o cotidiano da periferia aos demais agentes sociais que compõem o espaço urbano. As estratégias de territorialização que o *hip hop* realiza para garantir o direito à cidade (LEFEBVRE, 2001), seja através do uso de espaços públicos, seja através da reprodução de um discurso próprio que tem como característica a divulgação das mazelas sociais sofridas pelos jovens sem perspectiva que vivem na cidade e, ainda, mostrar este movimento enquanto instrumento político-pedagógico capaz de gerar o desenvolvimento cultural de moradores das áreas que resultem da segregação sócio-espacial resumem o objetivo deste trabalho.

O bairro Terra Firme foi o recorte espacial escolhido para esta pesquisa por dois motivos: primeiramente devido este ser um bairro periférico de Belém que apresenta uma série de problemas sociais e infra-estruturais; e segundo, apesar de todos esses fatos, o bairro foi o berço do *hip hop* na cidade e ainda hoje atua como uma espécie de pólo irradiador desta cultura neste município.

2 A POSSE², ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA

A inserção dos elementos³ do *hip hop* na cidade de Belém está intimamente ligada ao bairro Terra Firme, remonta aos inícios da década de 1990, se deu através dos grupos de *break*⁴. No entanto,

² As posses dentro do movimento *hip hop* são agrupamentos de jovens a ele pertencentes. Comunidades que se unem pela proximidade geográfica - bairro ou região metropolitana – e de idéias, tais jovens organizam-se em posses para atender aos compromissos de aperfeiçoamento artístico e desenvolvimento das ações políticas e comunitárias. (SCANDIUCCI, 2005, p. 3):

³ Por elementos da cultura *hip hop* entende-se as formas pelas quais o movimento se comunica e intervêm na dinâmica da sociedade. De acordo com as pesquisas feitas para este trabalho, principalmente os estudos feitos por SILVA (2008), BATISTA (2006) e SOUZA (2003) pode-se destacar o *break*, o *rap* e o grafite como os principais modos de atuação do movimento na cidade de Belém.

não se pode afirmar que já existia naquele momento um projeto político baseado nos preceitos desse movimento, tendo em vista que os próprios *b.boys*⁵, não reconheciam-se como integrantes de um movimento social ou político. À época, eles também não questionavam sobre a origem do que faziam. Nestes termos,

Os primeiros *b.boys* só curtiam a dança, o movimento, sabe? Não tinham a preocupação com a situação da periferia. Queriam dançar, fazer na rua aquilo que o Michael Jackson fazia na televisão. Assim que nascia o *hip hop* aqui em Belém, foi o *break* o primeiro passo nessa caminhada. Isso já faz mais de dez anos. Os caras vinham pro mercado [de São Braz] e se apresentavam, tinha gente que achava legal, tinha gente que ria, achava que os *b. boys* eram palhaços e tinha gente que achava que era tudo preto marginal (B.B.P, informação verbal)⁶.

O delineamento e o início da junção dos elementos que constituem o *hip hop* se dão quando o *rap*⁷ encontra o *break*.

Eu ouvia muito *rap*, e tinha uma identificação muito grande com os rappers americanos [...] ai depois eu me mudei pra um lugar na Terra Firme que é a Passagem União e lá eu encontrei um novo parceiro, que era o Jorge, que também escutava *rap*, e de lá agente começou a pensar a formação de um grupo de *rap* e tal pra falar das coisas que aconteciam no bairro da Terra Firme [...] ai agente começou a ter um contato com um outro pessoal que fazia *hip hop* anterior a nós que não era com *rap*, mas era com *break*, que é o pessoal que faz *break* lá em São Brás, só que eles tinham uma visão diferente do *hip hop*. (M.M, historiador, BATISTA, 2006).

No encontro dessas duas expressões artístico-culturais cujo espaço urbano é palco, cenário e fonte de inspiração que o *hip hop* enquanto o movimento político e artístico começa a ganhar contornos definidos, tendo a Terra Firme como matéria-prima para as primeiras incursões dos jovens na poética urbana e com isso expressar seus pontos de vista, seus modos de ver o mundo.

⁴ Estilo de dança praticada pelos membros desse movimento comumente são as ruas e praças públicas que servem de palco para as apresentações.

⁵ Aquele que dança *break*.

⁶ Entrevista de B.B.P, Belém, 12 de julho de 2008.

⁷ Sigla derivada da expressão *Rhythm and Poetry* (Ritmo e Poesia), trata-se de uma espécie de canto falado ou fala rítmica utilizada pelos membros do movimento *hip hop* para “dar o seu recado” (SCANDIUCCI, 2005, p. 26).

A gente pensou, como um movimento que tem relação com tantos problemas não é político? Um movimento que surge no meio do crime e do tráfico de drogas tinha que mostrar isso, tinha que colocar esses problemas para fora, para que os outros ficassem sabendo que na baixada tem crime sim, tem tráfico sim, mas também tem gente que faz música boa, faz grafite⁸ na parede, deixa a cidade mais bonita. (D.C, informação verbal).⁹

De acordo com as pesquisas de Batista (2006) e as realizadas em campo para este trabalho, esse encontro entre aqueles que dançavam *break* e aqueles que cantavam *rap* ocorre no início da década de 1990. Porém, a disseminação do movimento era restringida pela falta de informação sobre as propostas políticas e de transformação trazidas pela cultura do *hip hop*, este fato se dava por que os meios de comunicação não divulgavam a música rap, muito menos o *break* e quando faziam retiravam seu conteúdo de contestação e esvaziavam seu sentido.

De qualquer maneira, muitas vezes improvisando espaços, o *hip hop* atraía cada vez mais os jovens das baixadas, principalmente da Terra Firme, onde se encontravam os seus precursores em Belém. No início da década de 1990, promoviam-se reuniões visando divulgar o *hip hop* na periferia enquanto uma alternativa contra a violência contra a criminalidade que se territorializava nestes espaços devido às desigualdades e a segregação inerentes ao crescimento da cidade.

Foi nestas reuniões que surgiram as primeiras idéias de transformar o *hip hop* num movimento forte, criar grupos de rap, pensar em eventos, entrar em contato com outros caras de fora, com os militantes do movimento negro. Assim surgiram os grupos Manos da Baixada de Grosso Calibre da Terra Firme e a Bancada Revolucionária Gospel do Guamá e o Opção Verídica. Nessa época quem comandava era o Preto G, o Morceção e o Dj Fantasma (D.C, informação verbal)¹⁰.

A formação dos grupos de *rap* cujas letras passavam a retratar a realidade do contexto onde jovens moradores da periferia estavam inseridos deu um grande passo para a legitimação do *hip hop* enquanto movimento de origem periférica, bem como para a consolidação do seu território na cidade, a medida que os jovens passaram a divulgar o discurso do *hip hop* e fazer dele um projeto de atuação política e intervenção artística na paisagem urbana. Deste modo, o movimento vai construindo seus territórios na metrópole, influenciando os modos de ser, resignificando a baixada, tornando-se visível.

⁸ Manifestação artística praticada pelo movimento *hip hop* no campo das artes visuais que consiste em pinturas que retratam paisagens e cenas do cotidiano que vivenciam no espaço urbano, cujas telas são os muros, metrô, paredes, viadutos etc.

⁹ Entrevista de D.C, Belém 02 de julho de 2008.

¹⁰ Entrevista de D.C, Belém 02 de julho de 2008.

Esse processo de formação de uma identidade deu origem a vários grupos de rap, dentre os quais o grupo “Manos da Baixada de Grosso Calibre” – MBGC, que foi um dos grupos de rap mais importantes do Pará e que deu origem a NRP, Núcleo de Resistência Periférica.

Foi na Terra Firme que surgiu o primeiro grupo de rap, foi o MBGC que é da Terra Firme, todos eram da Terra Firme, o Morcegão, o Jorge, eu e o Gilmar, nós fomos os primeiros a fazer apresentações de rap (...) tinha também o grupo de break, os Rap Boys que são antigos, saíram do estado se apresentaram fora. (M.M, informação verbal)¹¹.

Sobre a gênese da NRP dois aspectos são consensuais: o primeiro deles é que esta posse tem origem ligada ao grupo de rap MBGC, outro é que a mesma tem como referência principal a Terra Firme de onde vieram seus fundadores. No entanto, as pesquisas de Souza (2003) apontam para o ano de 1998 como o início da posse, já o Relatório de Cidadania III (2002) aponta para o ano de 1994, já o site de relacionamentos do grupo mostra o ano de 1996, estes dados evidenciam as idas e vindas na formação da posse.

Ao agregar vários grupos de *rap*, *grafiteiros* e *b. boys* a NRP é a principal posse do estado e a melhor em termos de estrutura, sua rede de relações se estende à outros bairros para além da Terra Firme, atuando em parceria com outros movimentos, associações e instituições.

2.1 ATUAÇÃO DO MOVIMENTO: SOCIABILIDADES E PROTAGONISMO

A atuação da NRP no bairro Terra Firme revela-se um importante instrumento de socialização entre os jovens da área, socialmente desvalorizados estes desenvolvem diferentes modos de relações entre si e sociabilidades que atuam como mediadoras na construção de identidades no espaço urbano (SIMMEL, 1978), evidenciando a vitalidade da auto-expressão juvenil experimentadas no contexto urbano.

Então [*o hip hop*] é um movimento que ao mesmo tempo busca resposta dos jovens e para os jovens, o jovem como sujeito de sua própria ação política e procura dar resposta para a sua condição socioeconômica e racial. Pra mim *hip hop* é isso, negritude, periferia, é identidade, é resistência aqui e em qualquer lugar do mundo (M.M, historiador, BATISTA 2006).

A proposta da NRP através do *hip hop* apresenta como característica a formação de uma identidade positiva diante da precariedade da baixada além de um impulso a criação artística. Desta maneira, arte

¹¹ Entrevista de M.M, Belém, 17 de abril de 2005.

e sociabilidades competem para o desenvolvimento do movimento *hip hop* no bairro, a partir da apropriação e construção do seu território, bem como a recriação e resignificação de perspectivas e estilos de vida.

Para Giddens (1991), estas características apresentadas pelos adeptos do *hip hop* representam novas formas de sociabilidades presentes na sociedade contemporânea cujas ligações não provem de um localismo ou um consenso racional, mas da faixa etária, do gênero, do estilo de vida e das exclusões sociais entre outros. Portanto, os jovens do *hip hop* articulam-se em torno de um discurso extremamente crítico, das atividades culturais e modos de se expressar artisticamente que caracterizam o movimento.

Mudança é o nosso compromisso
A gente faz o que for preciso
Pelo lugar onde mora
Mesmo sabendo de tudo que rola
Da péssima fama que o bairro tem
Mesmo assim é aqui que nos sentimos bem
Terra Firme, baixada, subúrbio de Belém.¹²

As letras de *rap* carregam em si uma releitura da cidade, dando outro significado aos problemas do bairro Terra Firme a partir da ótica dos que vivem nas baixadas, vistas não somente como área problemática, mas como matéria-prima para a construção de um discurso criador de jovens protagonistas sociais.

A partir de novas significações discursivas, mudanças de visões de mundo e criação de identidades positivas, o movimento *hip hop* atua como formador de jovens protagonistas de sua própria história, isto é, sujeitos no processo de reprodução da sociedade. Em vista disso a NRP em suas ações na Terra Firme, seja através de apresentações de grupos de rap, ou oficinas de break, ou grafite, torna-se propulsora de protagonistas sociais na cidade.

Para Rodrigues (2006), o protagonismo social implica em um complexo processo de construção social que envolve a formação de identificações coletivas dotadas de positivities, um imaginário social comum e formas concretas de organização social cujo objetivo final seria o interesse comum de superar determinada condição social. De acordo com o autor, este complexo processo de formação de protagonistas sociais não deve ser pensado somente enquanto resposta a condições objetivas da sua existência, ou seja, enquanto resposta a estrutura não dando lugar às construções imaginárias e o campo das representações.

Desta maneira, o discurso proferido pela NRP através das letras de *rap* dos grupos que dela fazem parte, não demonstra somente uma insatisfação ou denúncia da situação das baixadas de Belém, especificamente da Terra Firme, mas expressam aspectos subjetivos cujas relações identitárias e redes de sociabilidades são tão importantes quanto tornar visível os problemas do bairro.

¹² MBGC, Preserve a sua espécie, CD Demo, [S.I], 1999.

Subúrbio, favela, baixada, periferia
Aqui nós negros somos a maioria
Ruas de terra, casas, pontes de madeira
Esgoto a céu aberto, o futuro da Terra Firme
É muito incerto
Mas essa é minha área, o meu setor.¹³

É justamente pela relação entre o aspecto objetivo, estrutural e subjetivo, simbólico que os *rappers* da NRP constroem o discurso que fundamenta as ações que vão garantir a construção de identidades e a formação de jovens protagonistas sociais. Neste sentido, as ações da NRP constituem-se num exemplo de movimento social que se constroem cotidianamente atuando na mudança (movimento) de lugar (social) conforme ressaltou Rodrigues (2006), recusando o lugar que foi imposto àqueles que o compõe de acordo com a ordem sócio-espacial hegemonicamente estabelecida.

Eu sei que eu sou mais eu
Se você for mais você
Só depende de nós a tomada de poder
Nas mansões eu quero ouvir
Os gritos de pânico
Expropriando, retomando a riqueza dos bancos.¹⁴

Deste modo, “[...] a idéia da NRP é conscientizar os jovens. Eu acredito que o *hip hop* tem que ser militante, pois o nosso povo precisa se organizar para uma sociedade mais justa em todos os sentidos” (Bruno B.O, M.C, Junho de 2008).

No caso do movimento *hip hop* observa-se com característica marcante a relação com o território socialmente construído, e deste que os protagonistas sociais emergem, pois o seu arcabouço discursivo é formado por elementos, situações, vivências e percepções do seu lugar. A NRP não é diferente, seu discurso sempre se referencia na vida dos membros e, portanto no cotidiano do bairro, por vezes violento, desigual e segregador, mas ao mesmo tempo dotado de um sentimento de pertencimento, onde prevalece a comunidade e rede de relações mais internas.

Portanto, as ações da NRP no contexto de um bairro da periferia de Belém, geradoras de novos significados e representações, ajudam a repensar a cidade pelo viés da cultura e deste modo influenciam na atuação política na urbe. No discurso hegemônico dos grandes meios de comunicação de Belém, a Terra Firme é lugar do crime, da violência, onde impera o caos e a desordem. Já no

¹³ MBGC, Dias Melhores, CD Demo [S.I], 1999.

¹⁴ CLÃ NORDESTINO, Na locomotiva da fuga. CD Clã Nordeste, 2003

discurso da NRP o bairro representa a comunidade, o lugar, um campo de lutas e um espaço de resistência.

A NRP se constrói, portanto, neste conflito de discursos, pois sua luta política e garantia de manutenção de sua representatividade na coletividade está na produção discursiva e concreta desta “nova cidade” através de intervenções que vão da esfera artística e cultural até a esfera política na heteronomia do espaço urbano. Desta maneira a NRP atua conforme ressalta Rodrigues (2006), como um agente produtor da cidade, pois denuncia a cidade segregadora e constitui uma alternativa para uma cidade possível.

Os elementos divulgados seja através do *rap*, do *break*, ou do grafite, pela NRP fomentam a formação do sujeito produtor de sua própria história a partir de uma maneira peculiar de ver a cidade e a si próprio enquanto agente atuante na mesma.

2.2 A PROPAGAÇÃO DAS VOZES DA PERIFERIA

A partir da possibilidade de vislumbrar a NRP como uma posse do movimento *hip hop* e que, por tal motivo, suas ações e discursos estarão concatenados com os elementos que baseiam este movimento, ou seja, na relação indissociável das esferas política e cultural que se dão através das intervenções no espaço urbano ora com apresentações de grupos de *rap* ou de *break*, ora com palestras e discussões nas baixadas e periferias, visando formar jovens protagonistas sociais, podemos perceber que a NRP atua de forma direta no espaço da cidade das mais diversas maneiras a fim de reproduzir o discurso do movimento e concretizar as ações que fazem do *hip hop* um questionador das condições sociais urbanas.

Deste modo pode-se dizer que as redes tecidas pela posse NRP na cidade de Belém, mas especificamente na sua relação com o bairro Terra Firme fornecem a dimensão de sua atuação e poder na co-relação de forças com outros agentes sociais produtores e usuários da urbe. As ações da NRP são coordenadas por um grupo de quinze jovens que buscam no *hip hop* o estímulo para protagonizar mudanças de comportamento de outros meninos e meninas que se encontram a margem dos benefícios da cidade.

A posse NRP utiliza diversas formas para propagar os ideais do *hip hop* pela periferia de Belém. Primeiramente, porém cabe ressaltar que suas ações vão além da circunscrição do bairro, pois, apresenta como característica a participação de pessoas de vários bairros da cidade, “[...] a NRP começou na Terra Firme, mas hoje têm pessoas de diversos bairros (...) temos pessoas da Terra Firme, da Pedreira, do Guamá, do Tapanã e por ai vai, até em Ananindeua” (D.F, informação verbal).¹⁵

Há, portanto, uma tendência da NRP estender sua rede de relações por toda a cidade e até pela região metropolitana, e, deste modo expandir o movimento *hip hop* pela periferia de Belém e arredores, espacializando-se pelo espaço urbano através dos elementos que constituem o movimento. Porém, nos planos da NRP não constam a ampliação da área geográfica da posse, mas que outras posses surjam nas baixadas, pois desta maneira o movimento se apropria e amplia seu território e

¹⁵ Entrevista com D.F, Belém, 10 de agosto de 2008.

poder na cidade. Portanto, a referência espacial da NRP é o bairro Terra Firme não de forma milimetricamente correlata, mas enxergando os problemas e as potencialidades da Terra Firme mesmo que suas fronteiras nem sempre estejam muito bem definidas.

A Terra Firme vai até onde tem pobre, pode andar pra lá, pra cá, tem pobreza é Terra Firme, ai fica difícil dizer onde começa e onde termina. Tem gente que diz que quando começou o asfalto já não é Terra Firme, é Canudos, mas aqui todo mundo é pobre, mas se conhece, sabe quem é quem e um vizinho ajuda o outro. (J. R, informação verbal) ¹⁶.

A territorialidade da NRP perpassa pelo bairro, esta relação não se dá somente devido a sua gênese, mas pelas afinidades que estabelece com este recorte, é “ver” a cidade a partir da Terra Firme, trazer para o debate da produção da cidade olhar da periferia, no entanto, DJ Fantasma (coordenador da posse) ressalta que a NRP “não é um bairro, é uma posse”, em vista disso, a relação posse-bairro não se estabelece pelo respeito ao recorte político-administrativo, mas pelas redes de relações mantidas pelos seus membros, assim, algumas áreas da Terra Firme sempre estarão mais em evidência nas atuações da posse, em detrimento de outras, e podemos dizer também que áreas fora do bairro recebem ações da NRP, isto se dá porque é o espaço do cotidiano dos adeptos do movimento que será refletido nas suas atuações e intervenções artístico-políticas.

O programa de rádio “Revolusom” funcionava como um programa de jovens da periferia para a periferia, porém, sua difusão não se dava somente no contexto da Terra Firme, o programa ia ao ar em três rádios comunitárias distintas como destaca os estudos de Souza (2003), além da Rádio “Cidadania FM”, destacava-se a Rádio “Cabana FM” do Bairro do Castanheira e a Rádio Cidade Livre do bairro do Tapanã. Somando aos laços estabelecidos pelo viés das ondas do rádio, o programa “Revolusom” funcionava algumas vezes como estúdio móvel, apresentando-se em diversos pontos da cidade, e desta maneira, colocando em evidência o movimento *hip hop* e sua apropriação simbólica da cidade.

Colocar a rádio na rua é, antes de tudo, reproduzir-se na dinâmica metropolitana e mostrar-se, sair da periferia, deixar evidente que o movimento *hip hop* faz parte desta dinâmica interferindo no seu andamento e contribuindo na formação de sua paisagem. Com este ato, busca-se chamar atenção dos outros agentes que compõem a urbe para mostrar que na baixada também se produz cultura, por isso, o local escolhido não foi feito ao acaso (nas proximidades do Bar Parque na Praça da República em Belém), nas proximidades do famoso Teatro da Paz, objeto que possui uma dimensão simbólica e representativa ligada a uma visão de cultura elitizada e segregadora em sua essência. Na paisagem urbana daquele momento poderia se observar o retrato da cidade contemporânea, que de acordo com Haesbaert (2002), prevalece a coexistência de múltiplos agentes, diversos projetos, territórios múltiplos coexistindo e influenciando mutuamente.

¹⁶ Entrevista com J.R, Belém, 27 de junho de 2008.

Atualmente as rádios comunitárias, importantes divulgadoras do discurso do *hip hop* perderam espaço com a ação do Governo Federal de fechar as rádios comunitárias que operavam sem licença¹⁷, deste modo, um valioso veículo de informação deixou de ser rotina na vida dos moradores das baixadas, seja como veículo de informação e acesso à cultura, seja como projeto para os jovens que dedicavam horas de suas vidas para a realização de programas como o “Revolusom”. Atualmente existe um projeto de reapresentar o programa tendo em vista a legalização das rádios comunitárias. Em vista disso, afirma o DJ Fantasma: “[...] Revolusom é um programa, ele está voltando à ativa, pois, somente agora algumas rádios comunitárias da qual fazíamos parte estão voltando a ativa também, depois que a polícia Federal e a Anatel fizeram um saqueamento em massa” (D. F. informação verbal)¹⁸.

Outra forma de constituir seu território na metrópole e reproduzir-se forjando sua identidade é através dos bailes de *hip hop* que se espalham pela cidade, principalmente na periferia, local de encontro de grupos de *rap*, *b.boys* e simpatizantes do movimento. Os bailes promovidos movimentam um grande número de jovens e deixam perceber de maneira sutil a constituição do embate entre o “eu” e “outro” na formação dos territórios pelo movimento.

Através dos bailes percebe-se que as pessoas ali presentes compartilham os mesmos códigos e normas, assim, modos de se movimentar com o corpo, a maneira de se vestir e a linguagem própria do grupo estabelecem separações e distinções entre os que são membros, isto é, os “manos”, os que se encontram em uma situação transitória, isto é, não são efetivamente membros, mas detêm uma certa intimidade com o *hip hop*, conhecem os membros e não são engajados em atividades, são os “primos” e os outros agentes que não participam, mas que carregam suas impressões e conceitos sobre aqueles que participam do movimento.

Encontros como estes que acontecem nos bailes atuam como disseminadores de idéias, estabelecendo contatos entre grupos de diversos bairros de Belém, promovendo uma espécie de socialização festiva do que tem sido feito na cidade no que se refere a apresentações e participações em eventos. Há sempre uma preocupação com a informação, portanto, um baile nunca é somente a festa, engloba também discussões de temáticas como preconceito racial, discriminação entre outros, como demonstra a matéria de jornal sobre um evento promovido pela posse Identidade Humana do bairro do Jurunas.

O movimento Identidade Humana promove hoje, dia 19, a partir das 22 horas, na quadra do Abdon, o “Abril pro Hip Hop” com a temática “Na periferia e para periferia” que tem como objetivo agregar novos grupos de *hip hop* (...). O “Abril pro Hip Hop” além de abrir espaço para a apresentação de novos grupos, pretende também atingir a população local, diminuindo a discriminação em relação ao estilo musical. Durante noite, além das apresentações, também irão acontecer discussões sobre duas temáticas sociais: a redução da maioria penal no Brasil e a política de

¹⁷ Ação implementada pela Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações em conjunto com a Polícia Federal no início de 2008 visando coibir a operação de rádios que operavam sem licença de funcionamento.

¹⁸ Entrevista de D.F, Belém, 10 de agosto de 2008.

cotas para negros nas universidades brasileiras. (Diário do Pará, 19/04/2008).

A preocupação com a questão social perpassa por todas as ações promovidas pelo movimento *hip hop* e algumas práticas mostram esta característica de maneira mais evidente. Dentre estas, destaca-se na posse NRP, a realização de oficinas e palestras para jovens da Terra Firme, estes encontros visam discutir algumas temáticas que envolvem o universo do jovem da periferia, como preconceito, racismo e problemas sociais como a criminalidade no bairro, o tráfico de drogas e a falta de perspectivas de futuro para jovens da periferia.

Estes encontros quando realizados pela NRP ocorrem em centros comunitários e escolas do bairro, pois, a comunidade fica mais próxima dos projetos realizados pela posse. Nestes encontros realizam-se cursos de rádio comunitária, de *rap*, de *break* e de *fanzine*¹⁹ e, ao final do evento, realiza-se um show cultural com os resultados obtidos nas oficinas.

As oficinas e palestras promovidas pela NRP são oferecidas também para menores infratores mediante acordo com a prefeitura de Belém por intermédio da Fundação Papa João XXIII – FUNPAPA. Sobre estes eventos realizados pela posse, constata-se um fato importante, estes atuam como reprodutores da cultura *hip hop* e produtores de novos adeptos do movimento, a medida que através das oficinas e palestras os jovens atendidos tem a possibilidade de tornarem-se protagonistas de suas próprias vidas. Portanto, os eventos promovidos pelos integrantes do movimento viabilizam através da inclusão de jovens em situação de risco no universo da arte e da consciência crítica, uma via alternativa às perversas possibilidades que lhes são impostas.

Os resultados dos encontros promovidos pela NRP fomentam formas peculiares de manutenção e construção do território do *hip hop* no bairro Terra Firme e na cidade de Belém, ao mesmo tempo em que formam indivíduos iniciados no movimento que reconhecem suas maneiras de se expressar diante da realidade vivida, ou seja, potenciais consumidores do que é produzido pelo movimento, divulgadores de suas ações e, por conseguinte novos integrantes. Há também a formação de grupos de *rap* que surgem como resultado das oficinas e se espalham pelo bairro. Sobre este aspecto o coordenador da posse ressalta...

[...] hoje temos muito mais grupos de *rap*, até consumidores, antes um baile dava no umas setenta pessoas, hoje já têm bailes simples dando duzentas, trezentas. Acredito que há mais consumidores do estilo e das músicas e aumento dos grupos de *rap*, isto é por causa da atuação da NRP. Já

¹⁹ Fanzine é a abreviação para a expressão estrangeira “Fanatic Magazine” que na tradução literal quer dizer revista do fã, isto é, uma revista produzida por um fã. Destina-se aos mais variados públicos e costuma ser bem aceita entre os jovens pelo baixo custo de produção.

conseguimos shows que deram entre mil e duas mil pessoas. (D. F, informação verbal)²⁰.

Há também as reuniões realizadas entre os membros da NRP visando estabelecer as diretrizes da posse, ou seja, concatenar o discurso e programar as práticas a serem concretizadas na cidade. Estas reuniões não são para todos os adeptos, somente para os coordenadores e membros mais atuantes, pois neste encontro são determinados os assuntos a serem abordados nas palestras, são planejados os bailes de *hip hop*, bem como as formas de apropriação do espaço urbano através da escolha do local de apresentações e formas de intervenção através do *break* e do grafite. Porém, há certa dificuldade em realizar as reuniões da NRP, mesmo sendo reuniões quinzenais a questão do local ainda é um empecilho, pois a posse não tem sede própria e tem que contar com o apoio de líderes de associações comunitárias e diretores de escolas para conseguir espaços e realizar os encontros.

Assim as reuniões estão constantemente mudando de local, primeiramente realizava-se na escola Mário Barbosa, no bairro Terra Firme, passaram para as residências dos membros, até chegarem à escola Augusto Meira, no bairro de São Braz, devido a facilidade de acesso e disponibilidade de local, porém a proximidade da posse com o bairro Terra Firme, no que diz respeito a sua gênese e a atuação mais efetiva, faz com que os membros busquem locais dentro do bairro para a realização das reuniões.

Estas reuniões demonstram o papel do movimento *hip hop* enquanto agente construtor do espaço urbano. Dentro da pauta de debates atuais do movimento destaca-se a participação ativa na construção do Fórum Social Mundial que se realizará em Belém no ano de 2009, participando das reuniões e promovendo discussões dentro das comunidades. Há também, o projeto de construção de um festival de *hip hop* em Belém cujo nome seria “Festival Amazônico de Hip Hop”, visando realizar o encontro de diversos grupos de *hip hop* atuantes no vários estados da Amazônia em suas diversas vertentes.

As estratégias da NRP diante da complexidade metropolitana visando fazer parte de sua dinâmica e através da correlação de forças aumentar seu poder de barganha e, conseqüentemente, seu território, são claramente vistas através de suas ações no espaço urbano, seja através da utilização das rádios comunitárias, seja por meio das apresentações em espaços públicos ou ainda com a realização de oficinas, todas as suas atividades são pautadas na idéia da resignificação do conteúdo da cidade que assim, transformada em referência para a luta e resistência, é colocada em evidência ao restante da urbe como forma de criação artística de forte cunho político. “A gente escolhe o local das apresentações onde tem mais gente, quanto mais gente escutar o nosso som, o nosso recado é melhor, assim as pessoas ficam sabendo que existimos, estamos ai fazendo arte e denunciando, denunciando e fazendo arte”. (B.B.P, informação verbal)²¹

É inegável o papel da posse no processo de territorialização do movimento *hip hop* na cidade, assim, para os membros da NRP a Terra Firme é a comunidade, a fonte de matéria-prima (SOUZA, RODRIGUES, 2004) de onde se retira o insumo da produção artística e política do movimento. No

²⁰ Entrevista de D.F, Belém, 10 de agosto de 2008.

²¹ Entrevista de BBP, Belém 12 de junho de 2008.

entanto, como ressalta Rodrigues (2006), o movimento social significa mudança de lugar social, por tal motivo, a NRP vai além da Terra Firme e espraia a sua ação para a toda a cidade, pois o bairro não está descolado do contexto urbano maior.

Ter consciência que a cidade é segregada, que a desigualdade sócio-espacial gera desequilíbrios quanto ao acesso aos benefícios da urbe é um dos compromissos do *hip hop* com os jovens da periferia, pois somente desta maneira, estes conseguirão re-significar o discurso hegemônico que relega as áreas pobres da cidade à idéia de caos e desordem, espaço onde prevalece a violência, no lugar onde o que vale o sentimento de comunidade e os laços estabelecidos, deste modo a NRP contribui para a formação de protagonistas sociais.

2.3 PROTAGONISMO E DESENVOLVIMENTO CULTURAL: A NRP E A RESIGNIFICAÇÃO DA CIDADE

No decorrer deste trabalho ficou clara a relação entre o discurso e a prática que se influenciam mutuamente e fundamentam o movimento *hip hop*. No caso da NRP, busca-se mostrar como discurso fomentador de representações e identificações tem como fundamento a releitura do cotidiano do bairro Terra Firme, invertendo o discurso que propaga a imagem do bairro relacionada ao medo e a criminalidade excessiva, transformando-o num espaço que mesmo com problemas e carências de toda espécie, mostra-se como a comunidade, “a quebrada”, onde se encontram “os chegados” e “os manos”.

Da matéria-prima retirada da vivência cotidiana da Terra Firme se estabelece um contra-discurso hegemônico cuja dimensão política e cultural é vista através da formação de territórios e territorialidades no recorte urbano que atua através da formação de representações sociais comuns ao universo do grupo associando modos específicos e concretos de se organizar na cidade, buscando promover mudanças das condições a que estão submetidos.

A idéia é atingir o maior número de pessoas sem distinção, seja homem ou mulher, a gente ta onde tem gente pra ouvir e participar, por isso vir pra praça, porque aqui tem sempre gente passando, aí para, olha, é nesta hora que a pessoa se interessa e passa a conhecer. (B.B.P, informação verbal)²²

Portanto, há uma lógica na forma que a NRP age na cidade, suas ações remontam a um planejamento prévio que visa à disputa de espaços de atuação política no interior do bairro Terra Firme, concorrendo, principalmente, com o tráfico de drogas, ou mesmo pela ação de igrejas evangélicas e católicas que também congregam um elevado número de jovens do bairro.

No processo de revalorização do jovem enquanto sujeito social, resignificar a cidade em seus aspectos políticos-culturais promove uma inversão consciente do discurso legitimador do *status quo* desfavorável àqueles jovens da baixada transformando a cidade num campo de lutas (CORREA,

²² Entrevista de BBP, Belém 12 de junho de 2008.

1989). Portanto, para o jovem participar do *hip hop* constitui-se num ato importante para o desenvolvimento cultural do indivíduo e do grupo a que pertence.

Conforme Souza (2005) há várias maneiras de se pensar o desenvolvimento, no entanto, com a chamada globalização, é comum se considerar desenvolvimento como sinônimo de desenvolvimento econômico. Porém, há certo reducionismo conceitual nesta relação, pois, desenvolvimento econômico refere-se meios que podem levar ao aprimoramento do modelo capitalista de reprodução da sociedade e não aos fins que deveriam nortear a mudança social para melhor.

[...] a insustentabilidade social do modelo civilizatório, cujos indícios são o aumento da criminalidade e o espectro da ingovernabilidade, é banalizada, e, em vez de uma análise de fatores como mecanismos de troca desigual no mercado mundial e contradições de classe no plano interno a cada país ou região, o que se tem são críticas vagas (“desigualdades internacionais”, concentração de riquezas”) encaminhadas com ajuda de uma terminologia imprecisa (“sul *versus* norte”, “pobres *versus* ricos”). (SOUZA, p. 21, 2005)

Diante deste contexto, Souza (2005) nos fala de um desenvolvimento sócio-espacial como uma alternativa conceitual à ideologia do desenvolvimento correntemente apregoada. Nesta perspectiva, a autonomia individual e coletiva é o parâmetro básico para a avaliação do desenvolvimento e não índices numéricos como o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) ou qualquer outro indicador de qualidade de vida específico, já que termos como “qualidade de vida” ou “necessidades básicas” podem levar à análises uniformes que não levam em consideração os diferentes contextos culturais.

Com efeito, poderia se dizer que no plano individual, conforme os estudos de Doyal e Gouch (apud SOUZA, 2005), a autonomia depende de três fatores: o grau de compreensão que uma pessoa tem de si mesma e do contexto sócio-cultural onde está inserida, da capacidade psicológica que um indivíduo possui para formular soluções e alternativas para si mesmo e das oportunidades objetivas que permitem o indivíduo atuar conscientemente de maneira a responder por suas conseqüências. Porém, a sociedade revela-se desigual e reproduz assimetrias de poder e acesso, neste sentido, a autonomia individual constitui-se numa virtualidade.

A autonomia fornece a base para uma teoria do desenvolvimento que incorpora indicadores de bem-estar, porém, sempre levando em consideração que bem estar pode variar de uma sociedade para outra. Por tal motivo, Souza (1996) critica as teorias convencionais do desenvolvimento por serem “a-históricas” e universais, pois, no estudo do desenvolvimento não há como não levar em consideração diferenças sociais, culturais e de escala.

Em termos substantivos [...] o desenvolvimento sócio-espacial em uma realidade social como o Brasil metropolitano pode ser laconicamente definido como *a minimização* (ou idealmente, a superação) *da injustiça social* – ou para expressar o mesmo pensamento de forma menos vaga, como *a minimização das desigualdades de oportunidades no acesso aos meios*

para a satisfação de necessidades. As necessidades são variáveis conforme os indivíduos e os grupos. (SOUZA, 2005, p. 25. Grifos do autor).

As necessidades variam conforme as demandas dos grupos e sociedades, indo desde a superação de problemas mais gerais como a luta contra a pobreza, passando pelo combate a discriminação e segregação bem como pela reivindicação de acesso à tomada de decisões e participação de maneira mais justa.

As ações da NRP junto a jovens moradores da Terra Firme dão subsídios ao desenvolvimento cultural deste grupo social que faz parte da cidade, uma vez que através da inserção dos jovens no universo do *hip hop*, estes assumem identificações específicas cujas características vão do aumento da auto-estima destes meninos e meninas diante do contexto de estigmatização e discriminação a que são relegados pelo fato de serem pobre e morarem na periferia até a produção cultural oriunda da capacidade dos jovens de lerem a realidade do lugar em que vivem.

A formação de grupos de *rap* que se multiplicam no bairro, influenciados pelas atividades da NRP na área e também, a inserção no universo da “quebrada” de temas como o racismo, preconceito, discriminação e acesso, são debates importantes incorporados pela posse ao cotidiano dos jovens da Terra Firme, competindo para a autonomia destes últimos e conseqüentemente o desenvolvimento cultural dos mesmos.

A produção artística dos membros do movimento *hip hop*, em especial, aqueles cuja história está ligada ao bairro Terra Firme e a NRP, demonstra uma apropriação da cidade a partir de sua releitura, deste modo, os jovens da periferia não estão somente vivendo na cidade, mas transformando-a a partir da produção cultural e atuação política visando à diminuição das desigualdades de acesso e atuando intensamente para consegui-la. Os jovens, portanto, fazem do *hip hop* um projeto de vida e que apesar de todas as dificuldades enfrentadas competem para a construção de cidade, mas especificamente, a sua cidade, apresentando-se como protagonista urbano, cuja intervenção não deve (ou pelo menos não deveria) ser rejeitada.

3 CONCLUSÃO

Muito mais do que espectadores sem interesse quanto ao espetáculo metropolitano de Belém, o *hip hop* vem mostrando esta cidade que cresce baseada nos mesmos pilares das outras regiões metropolitanas do país (MARICATO, 2000), isto é, onde a segregação exacerbada e a desigualdade imperativa prevalecem sustentando as forças hegemônicas e sua manutenção no processo de construção da cidade pelos fluxos de capital. Assim, nota-se na paisagem metropolitana as marcas desse processo, ou seja, o surgimento de prédios grandes na área central da cidade e a disseminação de condomínios fechados no seu entorno, ao mesmo tempo em que ocorre o surgimento de áreas degradadas e degradantes, onde prevalecem todos os tipos de carências.

Intimamente ligado à dinâmica metropolitana, o movimento *hip hop* se apropria de alguns de seus elementos para dar vazão a sua apropriação simbólica e concreta da cidade. Portanto, com afirma Souza e Rodrigues (2004), a cidade é a matéria-prima do movimento *hip hop*, onde suas modalidades de expressão artística e política mostram a vivência do lugar onde estão inseridos, por tal motivo, o *break*, o grafite e o *rap* funcionam como catalisadores, e ao mesmo tempo, disseminadores da dinâmica da metrópole.

Uma das maneiras mais claras que o movimento *hip hop* utiliza para estabelecer-se diante da heterogeneidade de agentes sociais, construindo seu território na metrópole, se dá através da posse, sua área de atuação política (SCANDIUCCI, 2005) e ações mais concretas. Nestas áreas (que podem ou não corresponder ao recorte de um bairro), as ações do movimento são mais diretas e contundentes. Além disso, tem-se o fato da posse ser o *locus* da reprodução daqueles que promovem o movimento e fazem dele fonte de inspiração.

No bairro Terra Firme, as ações da NRP atuam na reprodução e propagação de um discurso próprio e de ações específicas para jovens pobres e em situações de risco social, além de detentos de casas penais. No que se refere ao discurso, destaca-se a atuação de rádios comunitárias e das palestras e oficinas ministradas em escolas e centros comunitários do bairro. A reprodução deste discurso do movimento é de importância extrema para sua manutenção na heteronomia metropolitana (SOUZA, 2005), pois, fomenta a criação de identidades coletivas e referenciais simbólicos que garantam a reprodução da NRP enquanto posse representativa da área em que atua.

Portanto, o discurso legitimador da NRP no bairro Terra Firme remonta à apropriação e o cotidiano dos jovens que ali habitam, mostrando as características do lugar, suas paisagens e redes estabelecidas. Estes discursos são respaldados por atuações no sentido de congregar os jovens em torno de um objetivo comum, estabelecendo códigos e normas que envolvem questões como o sentimento de comunidade e a contestação da ordem estabelecida. Diante disso, percebe-se que discurso e prática formam o movimento *hip hop*, dão sentido a sua participação na dinâmica da cidade.

O arcabouço discursivo e as práticas da NRP agregam uma gama de jovens que vêm no *hip hop* um modo alternativo de ser e agir diante da sociedade, contestando imposições que lhes são conferidas como estigmatizações e identidades negativas e transformando o fato de morar na Terra Firme em um sentimento que remete a auto-estima elevada e ao anseio de pertencer a uma comunidade. Desse modo, promove-se um chamado à atuação política direta na realidade do lugar e concorrendo para a formação de jovens protagonistas sociais. O *hip hop* que chega ao bairro através da posse NRP, passa a ser um projeto de vida para os jovens da baixada que assumem o movimento e mobilizam suas práticas, fazendo do *break*, grafite e *rap* caminhos outros, alternativos à criminalidade que encontra no bairro o ambiente propício para sua reprodução.

Ao atuar na tentativa de diminuir as desigualdades sociais e assimetrias estruturais que resultam do crescimento da cidade, o *hip hop* exerce o seu papel enquanto agente construtor do espaço urbano. De fato, ele intervém diretamente na dinâmica cotidiana da urbe, seja através de sua arte, seja através da promoção de debates e oficinas cuja intenção é formar sujeitos sociais atuantes na transformação da sociedade. Neste sentido, a NRP ajuda a construir o cotidiano da Terra Firme apropriando-se de seus espaços e resignificando-os, colocando em prática o seu projeto de cidade diante da correlação de forças com os outros agentes que constituem o espaço urbano.

Referências

BATISTA, J. F. **A espacialidade do movimento hip hop no bairro da Terra Firme**. Belém. 2006. 64 f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal do Pará, Belém 2006.

BRASIL, Walena; SIMONIAN, Ligia. Políticas públicas de geração de renda para mulheres em Belém do Pará. In: CASTRO, E., et al...(Org.). **Atores sociais, trabalho e dinâmicas territoriais**. Belém: NAEA/UFPA, 2007. p. 29-43

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática. 1999.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annalume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. 2ª reimpr. São Paulo: UNESP, 1991.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação SEADE, v. 14, n. 4, p. 21-23, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000400004&script=sci_. Acesso em: 03 out. 2007.

MOVIMENTO Hip-Hop de Belém reúne jovens no bairro do Jurunas. **Diário do Pará**, Belém, Caderno D, p. 4, 19 abr. 2008.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Orçamento participativo e movimento hip hop: duas formas distintas de protagonismo sócio-espacial**. 12 p., 2006. (Manuscrito).

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SCANDIUCCI, G. **Juventude negro-descendente e a cultura hip hop na periferia de São Paulo: possibilidades de desenvolvimento humano sob a ótica da psicologia analítica**. São Paulo, 2005. 184 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Elton C. Garcez. **Territórios Urbanos**: o movimento *hip hop* e a dinâmica da cidade de Belém, Pará. 2008. 74 f. Monografia (Especialização Cidades na Amazônia: história, ambiente e culturas) Universidade Federal do Pará – UFPA/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, 2008.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade**: um exemplo de sociologia pura ou formal. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SOUZA, Leida Maria Campos de. **“Minha área é tudo que tenho”**: território, identidade e cultura. 72 f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal do Pará. Belém, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de; RODRIGUES, Glauco B. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

* Revisão do texto de responsabilidade do autor